



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA



Sidney Poitier

No auge do movimento americano a favor dos direitos civis, Sidney Poitier foi, em **1963**, o primeiro actor negro de Hollywood a receber o Oscar, atribuído por seu desempenho em *Uma Voz nas Sombras*. Sidney Poitier conseguiu os seus maiores sucessos no cinema com o drama *Ao Mestre com Carinho* (**1967**); *A Maior História de Todos os Tempos* (**1965**); a comédia *Adivinhe Quem Vem para Jantar* (**1967**, com Spencer Tracy); e, em 1988, com o filme de acção *Atirando para Matar*. Também tiveram grande sucesso os filmes em que encarnou o policial Virgil Tibbs, como *No Calor da Noite* (**1966**). A partir de 1972, Poitier, que também trabalhou no teatro, dirigiu vários filmes. Em 1994, foi nomeado presidente da Walt Disney Productions.

Sidney Poitier na barbearia de Firipe Beruberu



No conto ***Sidney Poitier na barbearia de Firipe Beruberu***, há o recuperar do “Sonho Americano”, símbolo incontornável da história de todos aqueles que pretendem seguir um modelo social que permite uma ascensão pelo trabalho sem ter em conta a cor ou a raça. Firipe Beruberu, o barbeiro que rapa cabeças na tentativa de credibilizar o seu ofício, almeja o “Sonho Americano” com uma mentira que se irá transformar num equívoco responsável pela sua detenção. Jaimão

legitimava as aspirações de Firipe Beruberu.

Sidney Poitier era o expoente máximo do “Sonho Americano”. O equívoco prende-se com um regime em declínio cujos representantes da autoridade (PIDE), acreditam que Portugal Colonial deve “castrar” todos os sonhos de um povo.

"A barbearia do Firipe Beruberu ficava debaixo da grande árvore, no bazar do Maquinino. O tecto era a sombra da maçanqueira. Paredes não havia: assim ventava mais fresco na cadeira onde Firipe

sentava os clientes. Uma tabuleta no tronco mostrava o custo dos serviços. Estava escrito: "cada cabeça 7\$50". Com o crescer da vida, Firipe emendou a inscrição: "cada cabeça 20\$00."

O mito do "sonho americano" (American Dream)

O sonho, todos os povos à margem do mundo anglo-saxónico sabem o que é: uma **vida farta, riqueza, poder desmesurado de compra e de venda, prémios conseguidos ao fim por um self-made-man**. E o man seria qualquer um de nós, negro, amarelo, mestiço, quase branco. Nesse caminho, nesse way, a todos que na terra USA chegássemos, aportássemos, bastaria praticar o manual "só é pobre quem quer", para conseguir ser um best (o melhor). E ser um best, em suma, é o próprio sonho americano.

Ser um best, o melhor, é mais que um superlativo de good ou de well. Ser um best, para os modestos, é **ser o melhor na sua profissão, ou na sua actividade**.

No sonho americano, isto significa mais que o dar o melhor de si em qualquer acção, é mais que o envolver a própria pessoa no seu agir. É vencer todos os demais, é derrubar todos os outros na sua profissão, é ser o boss, o chefe, é mais, é ser o tycoon, o magnata, o godfather (padrinho), o chefão, é ser o God (Deus), enfim, o poderoso, o supremo. Isto, para quem conhece o preço dessa meta, é apavorante. Porque é uma anti-humanidade. Porque, também, guarda uma desumana e inumana mentira. Um paradoxo de vigarista. Se o *the best* nasceu para todos, ninguém jamais será o *the best*. Por um lado, este superlativo exige que todos os demais sejam superados e vencidos.

Isto irá certamente criar Homens competitivos e ambiciosos... o que desenvolverá, por isso, uma sociedade desigual.

Então e os pobres?

E aqueles para quem, apesar de muito esforço, a vida nunca sorriu?

E os doentes e incapazes?